

## A SEMÂNTICA NA GRAMÁTICA BRASILEIRA APÓS A INSTALAÇÃO DA NGB: UM CAMPO DISCIPLINAR OU UM TERMO SUPLEMENTAR?

Neuza Zattar<sup>1</sup>



**Resumo:** Na perspectiva da História das Ideias Linguísticas no Brasil, propomos analisar como se dá a inscrição do campo disciplinar Semântica na gramática brasileira após a instalação da NGB (1959), observando como o estatuto que lhe é dispensado na gramática, no processo de sua institucionalização, vai sendo construído, significado e re-significado no imaginário dos sujeitos que manuseiam a gramática. Na **Moderna Gramática Portuguesa** (1961), de Evanildo Bechara, objeto de nossa investigação, mostramos que o autor, contrariando as recomendações da NGB, introduz, nos espaços livres deixados pela incompletude do modelo oficial, a disciplina Semântica, ao lado da Fonética, Morfologia e Sintaxe.

**Palavras-chave:** História das Ideias Linguísticas; NGB; **Moderna Gramática Portuguesa**; Semântica.

**Abstract:** From the perspective of the History of Linguistic Ideas in Brazil, we propose to analyze how the inscription of the disciplinary field of Semantics happens in Brazilian grammar after the installation of the NGB (1959), observing in the process of its institutional introduction how the statute that it receives in grammar is progressively constructed, signified and re-signified in the imagination of those handling it. In the *Modern Portuguese Grammar* (1961) of Evanildo Bechara, the object of our investigation, we show that the author, contradicting the recommendations of the NGB, introduces into spaces left by the incompleteness of the official model, the discipline of Semantics along with Phonetics, Morphology and Syntax.

**Keywords:** History of Linguistic Ideas; NGB; **Modern Portuguese Grammar**; Semantics.

### Introdução

Nesta reflexão em que o campo disciplinar *Semântica*<sup>2</sup> é colocado como questão central, propomos analisar, na perspectiva da História das Ideias Linguísticas, os sentidos da inscrição dessa disciplina na gramática brasileira após a instalação da NGB, procurando observar que estatuto lhe é dispensado – campo disciplinar ou termo suplementar – e como esse estatuto, no processo de sua institucionalização, vai sendo construído, significado e re-significado no imaginário de professores e alunos que manuseiam a gramática.

Para compreender como se dá a constituição desse lugar, tomaremos, dentre os movimentos da gramatização brasileira do Português estabelecidos por Guimarães (1996), o terceiro movimento em que se dá, além da denominação do idioma nacional como Língua Portuguesa (1946), da publicação de **Princípios de Linguística Geral**, de Mattoso Câmara (1ª edição em 1941), **História da Língua Portuguesa**, de Serafim Silva Neto (1952), **A Formação Histórica da Língua Portuguesa**, de Silveira Bueno (1955), a instalação da Nomenclatura Gramatical Brasileira (doravante NGB) em 1959, através de

um ato do Governo, visando a unificar o ensino da Língua Portuguesa nas instituições escolares do país.

Dois aspectos chamam a atenção na NGB: a) o título “Simplificação e Unificação da NGB” que significa dentro de uma história do ensino programático da Língua Portuguesa, determinando o processo de sua nomeação e do seu funcionamento, ou seja, trata-se de um acontecimento de política de língua que se configura como modelo ou padrão a ser adotado como forma de pôr fim às variações terminológicas das gramáticas brasileiras em circulação à época; e b) o lugar da formulação da NGB que, a princípio, silencia a Academia Brasileira de Letras<sup>3</sup>, instituição com autoridade para discutir e propor as reformas referentes às questões do ensino do português do Brasil.

Outro aspecto já apontado por Guimarães (1996) e Baldini (1998) diz respeito à “falta de filiação teórica na NGB”. Com relação a essa questão, diríamos que a autoria desse documento, amplamente representada por “filólogos e linguistas de todo País”, busca nacionalizar politicamente um trabalho normativo que deseja ser aceito e unificado em todo o país. Desse modo, há que se



considerar que essa mesma representatividade, pela pluralidade teórica que os constitui, discursivamente produziu o apagamento das filiações teóricas (européia e americana) já referenciadas em algumas gramáticas publicadas no final do século XIX e início do século XX.

No entanto, o espaço constituído pela falta de filiação teórica na formulação da NGB flexibiliza o papel da unificação, abrindo brechas ao gramático brasileiro de filiar-se às diferentes correntes teóricas em movimento para criar novos termos, como forma de instalar o diferente (o a ser dito) no mesmo (o já dito), ou, como diz Orlandi (2002, p.133): “Não há influências em uma só direção, mas relações de sentidos. Não há reprodução teórica, mas transferência, resignificação. Não há “recepção” de autores, mas trabalho histórico de significação dessas relações entre gramáticos”.

Retomando a proposta inicial deste trabalho, tomaremos como *corpus* o documento **Nomenclatura Gramatical Brasileira** (1959) e a obra de Evanildo Bechara, **Moderna Gramática Portuguesa** (1961), procurando observar se os sentidos da inscrição da *Semântica*, nessa gramática, são determinados pelo modelo recomendado pela NGB e que estatuto lhe é dado, enquanto disciplina linguística, em relação à Fonética, Morfologia e Sintaxe, campos disciplinares que ocupam lugares cristalizados nas gramáticas normativas brasileiras. Ou, ainda, se essa gramática adota o modelo oficial ou transpõe o paradigma da NGB.

Para analisar essas relações, inicialmente apresentaremos o documento que trata da Nomenclatura Gramatical Brasileira que, metaforicamente, vai funcionar como um divisor de águas, um antes e um depois da unificação do português do Brasil, período em que a própria gramática de Bechara vai circular determinada pela expressão **Com base na NGB** (grifos nossos).

### A *Semântica* na NGB

O edifício global da NGB compreende dois pilares:

1) o primeiro é constituído pelas partes que chamarei de integrantes da gramática: Fonética, Morfologia e Sintaxe;

2) e o segundo, denominado *Apêndice*, compreende as Figuras de Sintaxe, Gramática Histórica, Ortografia, Pontuação, Significação das Palavras e Vícios de Linguagem.

Assim distribuído o rol dos termos na NGB, verifica-se que o domínio da *Semântica* não se inclui como parte integrante e, em função do seu apagamento no corpo da Nomenclatura, os sentidos desse domínio se dispersam e não se constituem na discursividade da Nomenclatura Gramatical Brasileira.

O *Apêndice*, enquanto parte acessória da Nomenclatura, representa a extensão do texto da NGB que, por não traduzir todos os fatos/aspectos da língua, é sempre incompleto, e dada a sua incompletude, a ele pode-se acrescentar termos novos ou modificados (ORLANDI, 1990). O *Apêndice* procura ser os suplementos, os limites laterais, as partes que não se comportando no corpo da NGB como integrantes, se transbordam para as margens.

A não inclusão da disciplina *Semântica* no corpo da NGB nos leva a supor que há uma dualidade de posições na Comissão que elaborou a NGB, na segunda metade do século XX, com relação a esse campo: uma de resistência à instituição de um novo saber (o diferente); e outra, tradicional, que procura manter o termo Significação das Palavras, instituído nos programas oficiais de ensino (a repetição). Nesse jogo entre resistir ao novo e manter a tradição, legitima-se a institucionalização dos estudos dos termos semânticos tradicionais mantidos nas gramáticas normativas e deixa-se de inscrever uma ciência que se estabeleceu há mais de meio século na Europa, antes do advento da NGB, no Brasil.

No texto “Nomenclatura Gramatical” (1972, p. 55-93), Mattoso Câmara, convidado para comentar a nova Nomenclatura Gramatical Brasileira, destaca, na primeira aula, que seu objetivo não é focalizar as ‘falhas’ da NGB (epidemia de termos novos e divergências doutrinárias) por dois motivos, e a um deles refere-se dizendo: “elas (as falhas) são secundárias e não prejudicam profundamente as linhas mestras do edifício elaborado” (p. 57).

Nesse enunciado, a não-inclusão da *Semântica* no corpo da NGB não é questionada e nem apresentada como ‘falha’ pelo lingüista que, ao falar das classes de palavras, usa esse termo não na perspectiva de uma disciplina denominada ‘Semântica’, mas no âmbito da significação, quando diz que “a distinção entre o nome e o pronome é de natureza semântica: o nome designa ou nomeia, enquanto o pronome situa”. E acrescenta que “o conceito, para o

pronome, de palavra que fica em lugar do nome é válido, mas no sentido semântico (palavra que substitui a “designação por uma “indicação” de situação)” (MATTO SO CÂMARA, 1972, p. 57).

### **A Semântica nas gramáticas publicadas antes da NGB**

Constatada a não inclusão da *Semântica* no corpo da NGB na segunda metade do século XX, período em que esse campo já se encontrava instituído e ramificado nos países da Europa, nos Estados Unidos, na antiga Rússia e também no Brasil, consideramos importante revisitar os primeiros filólogos brasileiros, com o objetivo de destacar o tratamento dado a esse campo disciplinar no final do século XIX e início do século XX, observando como essa disciplina é historicizada no corpo de suas gramáticas, se é tratada como parte integrante da gramática (a *Semântica* na gramática), como suplemento (a *Semântica* às margens da gramática) e como parte não-incluída (a *Semântica* fora do corpo da gramática).

Para desenvolver essa análise, foram escolhidas as gramáticas consideradas pioneiras no movimento de gramatização brasileira do Português: a **Grammatica Portugueza**, de Julio Ribeiro, 10<sup>a</sup> edição de 1911, a **Grammatica da Língua Portugueza para uso dos Gymnasios, Lyceus e Escolas Normaes**, de Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade, 3<sup>a</sup> edição de 1907, **Grammatica Expositiva**, de Eduardo Carlos Pereira, publicada em 1907, e a **Grammatica Descriptiva** de Maximino Maciel, 7<sup>a</sup> edição, publicada em 1918, a partir dos seguintes critérios:

1) a importância que tiveram na constituição dos primeiros estudos sobre o Português do Brasil, num momento de transição histórica e política: Monarquia/ República;

2) o nacionalismo/brasilidade dos gramáticos que, se opondo à tradição de Portugal, buscam filiar-se às ideias filosóficas e científicas de outros países da Europa;

3) a posição-autor do gramático brasileiro que passa a legitimar o conhecimento produzido sobre a língua.

Antes de adentrarmos ao estudo das gramáticas selecionadas, é preciso destacar que o uso do termo *semântica* é bem anterior à publicação da obra **Essai de Sémantique**, de Michel Bréal, em 1897. Na Antiguidade já se

falava em *semântica* a partir dos estóicos, que se dedicavam à análise *semântica* do sistema verbal grego, e dos estudos de Aristóteles, que via na frase (*logos*) e não nas palavras isoladas algo mais ao nível *semântico*, pelo fato de a frase afirmar ou negar um predicado ou fazer uma declaração existencial. A *semântica* também esteve presente na obra linguística dos hindus, “considerada sob três epígrafes principais: teoria lingüística geral e *semântica*; fonética e fonologia; gramática descritiva” (ROBINS, 1983, p. 109).

Tomaremos para análise as gramáticas na seguinte ordem:

a) **Grammatica Portugueza**, de Julio Ribeiro – 10<sup>a</sup> ed., 1911.

Nessa gramática mantém-se o *Prefácio* da segunda edição (1884), na qual Julio Ribeiro diz que segue a distribuição de matérias proposta por Bain, lógico inglês, a quem faz a seguinte referência: “Cumpro notar que, ao dar à luz em 1881 a primeira edição desta *grammatica*, eu ainda não tinha visto *A Higher English Grammar*”.

Essa gramática é constituída de duas partes:

Parte Primeira: Lexeologia;

Parte Segunda: Syntaxe – Generalidades.

Como podemos observar no quadro de matérias acima, a disciplina *Semântica* não aparece inscrita. Essa ausência pode ser justificada: a) pela influência que o inglês Bain exerceu sobre Julio Ribeiro na organização das partes da gramática, como ele próprio afirma: “O meu modo de expor, a ordem que segui em distribuir as matérias é de Bain”; e b) a temporalidade do acontecimento na obra de Julio Ribeiro: à época da publicação da primeira edição de sua gramática, em 1881, os estudos sobre a *Semântica* (histórica) encontravam-se em discussão na Europa.

No entanto, ao tratar dos termos *semânticos* tradicionais, Julio Ribeiro remete a dois semanticistas, notadamente a Bréal, para explicitar os exemplos de homonímia, conforme a nota:

(1) É mister distinguir aqui os *equivocos*, *multívocos* ou *multisenses* (Ch. André), isto é, os vocábulos sujeitos a várias significações mais ou menos conexas, que constituem o fenômeno de polissemia. (BRÉAL, 1992, p.352, grifos do autor).

Na parte que trata dos “Elementos Mórficos das Palavras”, Julio Ribeiro, ao definir a

linguagem, atribui sentidos às palavras pelos diferentes papéis e usos que representam

A linguagem, intérprete da inteligência, é um instrumento de análise: com efeito, as palavras servem para distinguir os seres, os objetos, as qualidades, as substâncias reais ou abstratas, as ações, os estados das pessoas, das coisas, todas as manifestações da vida, todos os fenômenos, até mesmo os que caem sob o domínio da imaginação e do futuro, o contingente, o absurdo, o impossível. (1911, p. 59).

Convém destacar que a inserção do item *Additamentos* (p. 351) na gramática de Julio Ribeiro é justificada por seus editores em cumprimento aos programas<sup>4</sup> do ensino oficial.

b) **Grammatica da Língua Portuguesa para uso dos Gymnasios, Lyceus e Escolas Normaes**, de Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade – 3ª edição aumentada, 1907.

O título dessa gramática tem uma determinação pedagógica pelo complemento que a particulariza: “para uso dos Gymnasios, Lyceus e Escolas Normaes”, e o índice compreende duas partes:

- Livro I: Lexicologia;
- Livro II: Syntaxe.

Sob os efeitos da lógica, quando dizem que a gramática se assenta sobre a base da história e da comparação, considerada como único método do ensino racional, os autores dedicam um capítulo à *Semântica* que, em função da inscrição que veio a ocupar, constitui-se como parte da Morfologia.

No capítulo que trata da *Semântica* (p. 464), Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade desenvolvem estudos sobre o sentido das palavras fundamentados no princípio da analogia e no método da comparação:

1. Todas as mudanças de sentido se fundam na comparação e analogia, mas dos objetos materiais; dos ideais sensíveis é que os homens passaram aos abstratos.
2. A influência desta lei é sempre óbvia direta ou indiretamente.
3. As palavras sofrem, no dobrar dos anos, três mudanças principais no tocante ao sentido: 1.º, a que depende da associação de idéias e do sentido novo que ela desenvolve, da especialização, enfim; 2.º, a que é determinada pelo sentimento encomiástico ou degradativo;

3.º, a que acompanha a evolução sintática da linguagem. (p. 467-468).

A partir desses princípios, os gramáticos definem a *Semântica* como a parte da gramática que estuda as mudanças de sentido das palavras.

c) **Grammatica Expositiva**, de Eduardo Carlos Pereira – Adaptada ao 1º, 2º e 3º anno dos Gymnasios – 1907.

Na apresentação do *Prólogo*, ao afirmar que “É na fonologia, morfologia ou syntaxe históricas que nós encontramos a razão de ser das regras atuais da gramática expositiva sobre a pronúncia, sobre a forma dos vocábulos, ou sobre os processos sintáticos”, o autor deixa clara a sua posição quanto a não-inclusão do campo disciplinar *Semântica* no corpo de sua gramática.

A posição do autor é reforçada pelos princípios que ele utiliza para desenhar a estrutura de sua gramática: a) “não partir a gramática em pequenos, multiplicando ao extremo as divisões e subdivisões”; b) “classificar os fatos e prendê-los na unidade de um todo harmônico”.

O autor sistematiza “os fatos numerosos da língua em grupos ou classes subordinadas a leis [...]” e divide a gramática em duas partes:

1. Lexeologia;
2. Syntaxe.

No entanto, a posição contrária do autor à partição da gramática em divisões e subdivisões se rompe ao apresentar uma numerosa sucessão de fatos da língua, agrupados em outros subcampos destacados no índice da gramática.

Tendo percorrido a extensa lista de nomes distribuídos no índice, em busca de algum termo que se relacionasse aos estudos da significação, verificamos que esses estudos não constam de sua gramática, mas chamou-nos a atenção, no final da 1ª parte, Lexeologia, o item “Outras classes de palavras” que, segundo o autor,

Classificadas e estudadas as palavras isoladamente em seu elemento ideológico, podemos ainda classificá-las do ponto de vista comparativo de certas analogias de **função, forma e significação**, bem como de **oposição** de sentido. (p. 149, grifos do autor).

Nessas classes, vamos encontrar o estudo dos termos semânticos sob a denominação de: *Analogia de função* (palavras nominativas, modificativas, conectivas); *Analogia de forma*

(palavras homônimas, parônimas e cognatas); *Analogia e oposição de sentido* (palavras sinônimas e antônimas), numa clara referência aos princípios de Darmesteter (grifos do autor).

d) **Grammatica Descriptiva** – Baseada nas doutrinas modernas – de Maximino Maciel – 7ª ed., 1918.

Essa gramática compreende quatro partes:

1. Phonologia;
2. Lexiologia;
3. Syntaxiologia;
4. Semiologia.

Na apresentação do “Plano Synoptico”, o autor justifica o quadro de matérias através da seguinte nota:

Mantemos a nossa divisão, porquanto está de acordo com os fatos da língua. Além disso, têm sido para nós fundadas e refundidas muitas teorias em matéria de língua portuguesa, a fim de que seja a gramática a interpretação autêntica dos fenômenos da língua. (1918, p.IX).

O enunciado “Mantemos a nossa divisão” nos permite dizer que essa divisão já consta de edições anteriores, e convém destacar que na edição de 1901, Maximino, ao propor essa mesma divisão, justifica a inclusão da Semântica, não como parte integrante de sua gramática, mas como um ramo definido no campo da Semiologia.

A divisão tripartida da generalidade dos gramaticógrafos – fonologia, lexicologia e sintaxiologia – não tem mais razão de ser, depois que o estudo da significação se individualizou, constituindo por si um ramo definido, máxime com os estudos de Darmesteter que usa do termo semântica para designar a teoria lógica da significação. (1901, p. 3).

Nessa gramática, Maximino define a Semiologia como “o tratado da significação das palavras em todas as suas manifestações” e concebe a *Semântica* como “o tratado da significação das palavras e das mutações ou alterações de sentido, que podem experimentar no tempo, no espaço, impostas pela evolução da língua” (p.411).

Vejam os que essas definições têm em comum e no que elas se distinguem. Ambas tratam da significação das palavras, sendo que para a Semasiologia, a significação da palavra não se reduz a um único aspecto ou fato da linguagem,

ela está presente em todas as manifestações da linguagem; já para a *Semântica*, as mudanças/alterações de sentido das palavras são históricas, internas à língua e determinadas pela evolução da língua.

Em resumo, observa-se que essas gramáticas, independentemente do lugar teórico de seus autores e do momento histórico-linguístico em que foram produzidas, apresentam particularidades que são significativas no modo como os gramáticos se filiam, organizam e estruturam seus compêndios, que ora os aproximam e ora os distanciam:

a) todas as gramáticas compreendem duas partes: Lexeologia e Sintaxe, com exceção da de Maximino, na qual são acrescentados os campos de Fonologia e Semiologia;

b) todas as gramáticas, exceto a de Julio Ribeiro, apresentam título determinado por um complemento adicional;

c) todas, sem exceção, incluem os termos semânticos tradicionais;

d) Julio Ribeiro e Eduardo Carlos Pereira não incluem a Semântica no corpo de suas gramáticas, mas fazem referência a Michel Bréal;

e) Pacheco da Silva e Lameira de Andrade incluem a Semântica como parte da Morfologia;

f) Maximino Maciel, embora silencie os semanticistas que o influenciaram, inclui a Semântica no campo da Semiologia.

Observa-se nessas posições que as doutrinas semânticas oriundas da Alemanha, Inglaterra e França se filtram em alguns desses compêndios em lugares que não as legitimam, deslocando-as, por assim dizer, para um lugar secundário no corpo dessas gramáticas.

Diria que o silenciamento da *Semântica* como disciplina linguística, pelos lugares em que a inscrevem, tem uma determinação histórico-linguística: tratando-se de uma ciência que se institui no século XIX – época conhecida como um marco dos estudos comparativo e histórico das línguas, ela migra para o Brasil Imperial num momento em que o trabalho de filiação é nascente e vai coincidir com a constituição da história da gramatização brasileira do Português, mais precisamente, no segundo período.

### A gramática de Bechara

**A Moderna Gramática Portuguesa – Com base na Nomenclatura Gramatical Brasileira**, 2ª edição, 1961, lançada após a

inscrição da NGB no terceiro movimento de gramatização do Português do Brasil, pela Companhia Editora Nacional, em São Paulo, foi dedicada À *memória de M. SAID ALI, mestre e amigo, na passagem do primeiro centenário de seu nascimento*.

A escolha dessa gramática deve-se, principalmente, a dois aspectos que considero basilares para o desenvolvimento deste trabalho: trata-se de um dos primeiros compêndios a serem publicados após a instalação da NGB e do ajuste recomendado pela nova lei configurado pelo complemento: *Com base na Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Ou seja, trata-se de uma gramática na vanguarda das mudanças oficiais que complementa o nome com o carimbo da recomendação explícita da NGB: "Com base em".

Bechara divide a sua gramática em 7 partes:

1. Fonética e Fonêmica;
2. Morfologia;
3. Sintaxe;
4. Pontuação;
5. Semântica;
6. Noções Elementares de Estilística;
7. Noções Elementares de Versificação.

Convém destacar que a gramática de Bechara, mesmo estampando no título o complemento "Com base na NGB", produz uma ruptura com o modelo oficial, ao introduzir a Semântica como parte integrante. Então, o que estaria significando esse complemento? Um lugar de aparente destaque em cumprimento à recomendação oficial, como forma de posicionar-se a favor da unificação do ensino do português do Brasil? Ou preenchendo os espaços deixados livres pela incompletude do documento?

A posição de Bechara com relação à inclusão da Semântica fica evidenciada no enunciado que segue:

Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam, não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que **a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados**. (grifos nossos).

Bechara começa o tópico sobre Semântica definindo-a como "o estudo da significação dos vocábulos e das transformações de sentido por que estes mesmos vocábulos passam" (p. 417). Ou seja, o vocábulo, no decorrer de sua história, nem sempre mantém o seu sentido original que,

por variados motivos, ultrapassa os limites de seu sentido primitivo, assumindo novos valores.

Essa definição de Semântica remete a alguns elementos da definição formulada por Maximino Maciel, no que diz respeito às alterações de sentido determinadas pela evolução da língua.

Para Bechara, a "significação dos vocábulos está intimamente relacionada com o mundo das idéias e dos pensamentos" (p. 417). E complementa dizendo que as associações entre o mundo das ideias e o pensamento dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem que, pela sua natureza, não diferem muito das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores (p. 418).

Bechara apresenta entre as principais causas (imagens de linguagem) que provocam a mudança da significação das palavras: a metáfora, a metonímia, braquilogia ou abreviação, eufemismo, alterações por influência de um fato de civilização<sup>6</sup>, etimologia popular.

No final de seu estudo sobre a *Semântica*, Bechara, ainda, apresenta uma Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos que compreende: polissemia, homonímia, sinonímia, antonímia e paronímia.

## Concluindo

Nesta reflexão, esperamos ter mostrado, na **Moderna Gramática Portuguesa**, de Evanildo Bechara, como a Semântica foi historicizada e como o autor, nos espaços livres deixados pela incompletude da NGB, inscreve a *Semântica*, enquanto ciência linguística, no corpo de sua gramática como uma das partes integrantes, ao lado das disciplinas Fonética, Morfologia e Sintaxe.

Esse acontecimento funda uma memória no campo do ensino do português do Brasil: ao preencher o lugar deixado livre na NGB com a inscrição da *Semântica* em seu compêndio, Bechara abre caminho para que os demais gramáticos possam escolher ou introduzir as ciências linguísticas que se colocam no âmbito das discussões no exterior e no Brasil nesse período, e se inscrever na história da língua como construtores de novos conhecimentos sobre a linguagem.

Nos compêndios gramaticais analisados, observa-se que os sentidos dos lugares ocupados ou não pela *Semântica* se apagam, irrompem nos

espaços da gramática e se estabilizam na medida em que o seu estatuto adotado pelas gramáticas passa a significar. Desse modo, ela é silenciada e/ou apagada nos compêndios de Julio Ribeiro e de Eduardo Carlos Pereira, emerge na obra de Pacheco Silva Junior e Lameira de Andrade, aparece na gramática de Maximino Maciel como parte de outros domínios e, finalmente, instala-se no lugar das disciplinas consideradas integrantes na obra de Bechara.

Esta reflexão pretende contribuir para os estudos da significação da linguagem, mostrando que é possível analisar os lugares que a *Semântica* ocupa nas primeiras gramáticas brasileiras, na NGB e na gramática de Bechara e os seus efeitos, na perspectiva da História das Ideias Linguísticas, da Filologia, da Análise de Discurso, da Semântica da Enunciação e de outros campos teóricos, pelo tratamento dado à linguagem e ao sentido.

Tratando-se de uma disciplina inesgotável pelos estudos do significado das palavras e/ou expressões e dos sentidos que produz nas relações entre pensamento/mundo/linguagem e sujeito/língua/história, a *Semântica* abre um leque de possibilidades para analisar a linguagem nas suas diferentes interfaces, relações e controvérsias nos diversos campos da Linguística e nas gramáticas brasileiras.

1 - Doutora em Linguística pela UNICAMP e professora da UNEMAT, área de Linguística, campus universitário de Cáceres. E-mail: neuza.zattar@top.com.br

2 - Cf Brigitte Nerliche (1993), a *Semântica* (histórica) como disciplina linguística emerge inicialmente na Alemanha, na filologia clássica, com os cursos de Karl Reisig sobre a gramática latina; na Inglaterra desenvolve-se a partir das reflexões semióticas de Benjamin Smart e na França a semântica se constitui sobre as reflexões lexicográficas de Littré e Darmesteter e sobre a natureza da linguagem e da comunicação de Bréal. Segundo a autora, a obra de Bréal, **Essai de Sémantique** (1897), estabelece a Semântica histórica como disciplina teoricamente fundada enquanto parte de uma linguística geral e internacional (nossa tradução).

3 - Fundada em 1897, a Academia é reconhecida pelo Governo três anos mais tarde, quando suas publicações se tornam oficiais. A Academia não participava de todas as discussões das reformas que lhe diziam respeito e nesse impasse cabia ao

Governo a determinação e a legalização das reformas (Cf. SOUZA, Tânia C. Clemente de; MARIANI, Bethânia S. C., 1996).

4 - Referem-se ao Programa de Português para os Exames Preparatórios, organizado por Fausto Barreto em 1887, a pedido do Diretor Geral da Instrução Pública, Emídio Vítório (Cf. GUIMARÃES, 1996, p. 129).

5 - O autor se baseia na obra de A. Grégoire, **Traité de Linguistique**, 1923, p. 93-94 (com leves adaptações para o português).

6 - Refere-se a uma das causas que Darmesteter apresenta: "a ação de uma civilização" (2000, p. 123).

Aceito para publicação em 01.06.2009

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain; DELESALLE, Simone. La Sémantique. In: **Histoire des idées linguistiques**. Mardaga, Bélgica, [s.d]. t.3.

BALDINI, Lauro. A NGB e a autoria do discurso gramatical. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n.1, jan/jun, 1998.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1961.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica**: ciência das significações. Tradução de Aída Ferrás et al. São Paulo: EDUC, Pontes, 1992.

DARMESTER, Arsène. A vida das palavras estudadas nas suas significações. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 4/5, p. 121-134, dez/jun 2000.

DIAS, Luiz F. O nome da língua no Brasil: uma questão polêmica. In: ORLANDI, Eni (Org.). **História das idéias linguísticas**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001. p. 185-198.

\_\_\_\_\_. A omissão do pronome sujeito no português do Brasil: perspectivas de abordagem. **Revista Ecos**, Cáceres, n.1, jul/dez 2003.

\_\_\_\_\_. Comentários sobre o texto no Exame de Qualificação em HIL, 2005.



- GUIMARÃES, Eduardo. Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni (Orgs.). **Língua e cidadania**. Campinas, SP: Pontes, 1996. p.127-138.
- \_\_\_\_\_. História da gramática no Brasil e ensino. *Relatos*, Campinas, DL, IEL, UNICAMP, n.5, p. 7-13, out 1997.
- \_\_\_\_\_. Os estudos da significação no Brasil: uma história entre o natural e o histórico no século XIX. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 4/5, p.7-18, dez/jun 1999.
- \_\_\_\_\_. Para uma história dos estudos sobre linguagem. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, Campinas, n.8, jul/dez, 2002a.
- \_\_\_\_\_. Os estudos da significação no Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas-SP, n.42, p.71-87, jan/jun 2002b.
- MATTOSO CÂMARA, Joaquim. Nomenclatura gramatical. In: \_\_\_\_\_. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 1972.
- MACIEL, Maximino. **Grammatica descriptiva**. 7.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1918.
- NERLICHE, Brigitte. La sémantique historique au XIX<sup>e</sup> siècle, en Allemagne, en Angleterre et en France. In: **Histoire épistémologie langage**, 1993. t.15, fascículo 1.
- ORLANDI, Eni. O estado, a gramática, a autoria. **Relatos**, DL-IEL-UNICAMP/DL-FFLCH-USP, Campinas-SP, n.4, p. 5-12, jun 1997.
- \_\_\_\_\_. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. Formação de um espaço de produção linguística: a gramática no Brasil. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **História das ideias linguísticas**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001. p. 21-38.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica expositiva**. São Paulo: Weiszflog Irmãos Livraria Francisco Alves & C, 1907.
- RIBEIRO, Julio. **Grammatica Portuguesa**. 10. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & C, 1911.
- ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Tradução de Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1983.
- SILVA JR., Pacheco. Noções de semântica. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n.4/5, p. 109-120, dez/jun 2000.
- SILVA JR., Pacheco; ANDRADE, Lameira de. **Grammatica da Língua Portuguesa para uso dos Gymnasio, Lyceus e Escolas Normaes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1907.
- SOUZA, Tânia C. C. De; MARIANI, Bethânia S. C. Reformas ortográficas ou acordos políticos? In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni. (Orgs.). **Língua e cidadania**: o português no Brasil. Campinas-SP: Pontes, 1996. p. 85-93.
- SOUZA, Pedro de. Às margens da gramática, a emergência da Semântica no Brasil. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **História das ideias linguísticas**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas-SP: Pontes; Cáceres-MT: Unemat Editora, 2001. p 125-137l.